

MUSEU DA PESSOA

História

História de Vida

História de: [Roberto Cândido da Silva](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 13/12/2006

História completa

Família

Meu nome é Roberto Cândido da Silva, nasci em São Paulo, 1959, vinte e nove de maio. Meu pai se chama Sebastião Cândido da Silva. Minha mãe: Otacília Aparecida da Silva. Meu pai é aposentado da prefeitura, funcionário público e artista plástico, ele é pintor, desenhista, a vida dele é ligada à essa questão da pintura, da arte... Minha mãe trabalhou muito tempo como costureira. Hoje ela vende produtos de cosméticos, estética, essas coisas todas, uma empresa que eu nem sei o nome... Acho que chama "Way", coisa assim. Desde quando eu era criança, há muito tempo, meu pai trabalhava com arte. Eu conversei com meu pai nesse final de semana e não consigo pensar meu pai sem sempre lembrar de livros e pinturas que sempre foi uma coisa muito ligada à ele... Desenho, essas coisas todas. E não dá para separar uma coisa da outra, né? A questão da história... Da minha família, grande parte veio de Minas. Tanto da parte materna quanto da parte paterna, eles são oriundos de Minas Gerais – foi onde conheci meus avós, conversava muito com eles. Só a mãe da minha mãe que eu não conheci, conheci a madrasta da minha mãe, que eu considerava como vó. Mas a mãe do meu pai, o pai do meu pai, conversei bastante com eles, eu gostava de conversar, gostava muito de conversar com pessoas mais velhas também. Então eu escutava muita coisa da família, as histórias... E muita tristeza também, e muita alegria também... Tem alegria também. Uma história que posso contar é sobre a parte paterna, que todos de certa forma são ligados à arte. O meu tio já falecido, irmão do meu pai, participou do movimento artístico lá do Embu das Artes, onde tem Solano Trindade, ele foi, ele conviveu maritalmente com a Raquel Trindade, mais de dez anos, e começou a se dedicar à escultura, teve um certo destaque e começou a incentivar a família. A minha tia, irmã do meu pai, infelizmente falecida em 74, ela teve mais projeção. Artista primitiva, "naif" que nem o pessoal diz, né, porque o pessoal era muito ligado para fazer aqueles bordados, e desse bordado ela passou para a tela. E até hoje tem o irmão do meu pai, ele chama João Cândido e também é dedicado à pintura, minha tia Conceição... Eles tem um trabalho, todo o final de semana eles expõe ali na praça da República. Uma vida intensa ligada arte. Minha avó também, minha vó fez escultura, me deu algumas esculturas que eu guardo até hoje. Minha avó gostava muito de contar histórias, e também me divertia muito com as histórias da minha avó, que ela queria ser poeta e contadora de histórias... Então aquelas histórias que ela me contou eu achava interessante. E tem história triste, também... Mas tudo bem, vai... Nós somos em seis irmãos. Cinco homens e uma "menina". Chamo "menina", porque quando ela nasceu meu irmão mais novo tinha onze anos, embora ela tenha mais de 30 hoje. A gente chama ela de menina. Eu tenho um bom relacionamento com todos os meus irmãos. A gente sempre se encontra, conversa bastante, tenho um bom relacionamento com a maioria... Melhor dizendo, com todos. Só quando criança que a gente brigava muito, mas depois da adolescência, nós somos que nem irmãos mesmo, de verdade, de fato. Ah, sim, uma coisa que eu vou falar do meu avô também, o meu avô materno: ele era umbandista, ele era o que se chama "pai de santo". Tudo o que ele fez nessa questão do ensino está associado à uma associação de umbanda que ele fez, acho que é Associação Santa Dorotéia, que é uma homenagem à uma filha que ele perdeu quando tinha 5 anos, por aí... Ele montou essa associação e estava ligado à essa religião, que é vista como "coisa do capeta" hoje, essas coisas que tem na questão polêmica. E meu vó, um pouco antes de morrer, alguns anos antes, 5 ou 4, não lembro ao certo, ele se converteu, virou evangélico. Aí ele começou a quebrar imagens, falou que não queria mais saber daquilo... Aí, tinha as pessoas... O cara virou um líder comunitário, era uma referência, foi um abalo né? E tinha filho que participava e filho que resolveu assumir, ficou aquele negócio todo e ele não queria mais saber. Aí, um dia, num dia em que eu cheguei a conversar com ele, eu falei assim: "Vô, porque você, depois de tanto tempo..." – "Sabe meu filho, eu descobri o seguinte: se eu posso segurar no tronco, por que vou segurar na folha?" Uma coisa que ele falou né? A gente começou a conversar... Engraçado, nunca tinha conversado tanto com o meu avô quanto conversei nesse dia. Depois ele me contou que quando chegou em São Paulo só conhecia enxada e panela... Então, as coisas positivas de família que eu tenho são o meu avô, minha avó, meu pai, minha mãe, a paixão dele por livros, pinturas e essas coisas todas. Também acho que tem a ver muito a minha formação, as coisas que eu vi referência de infância, para mim tem um valor grande.

Infância

Eu sei que minha família morou na Casa Verde, porque meu pai morava na Casa Verde, meu vó tinha um terreno onde moram os familiares do meu pai até hoje. E depois o que eu me lembro mesmo é no terreno na Vila Formosa, onde é a parte materna. Lembrança de infância é nesse local, Vila Formosa, zona leste. Periferia de São Paulo... Realmente era muito diferente. Parecia muito o interior, o que se fala do interior hoje, a periferia de São Paulo: Casa Verde, Vila Formosa... Porque tinha espaço verde, tinha campo, tinha o espaço para você brincar. Fazendo uma

visita nesses locais hoje, se vê que está totalmente mudado, a questão de espaço, questão de ocupação imobiliária. Nesses espaços era onde você brincava... A geração de crianças hoje não tem esse privilégio, de brincar. Então acho que foi uma infância marcante por esse sentido. E outra coisa, morava muita gente perto, pela questão da origem mesmo. Moravam várias famílias, os irmãos, os irmãos da minha mãe, moravam todos junto, aquela criança tudo junto, brigava pra caramba... Também quando tinha briga ia todo mundo pra escola defender. Então, tem esses lados... Essa questão de você morar todo mundo no mesmo espaço tem o lado positivo e o lado negativo nessa questão. Mas eu tenho umas lembranças mais positivas deste período, as negativas são as questões econômicas mesmo, situação de quase miséria, de necessidade, escassez das coisas. Mas nesse espaço que eu brincava... Era muito legal, a gente brincava bastante. Eu gostava de brincar de... Ah, eu acho que é tanta coisa... Jogar bola... Mas sempre fui perna de pau Os caras falavam assim: “— Pô, esse cara é grosso pra caramba”. Mas sempre gostei de jogar bola, bolinha de gude, pipa... Pipa é uma paixão. Aquela disputa de cortante que depois a gente vê que é tão complicado... Sabe uma coisa absurda que meus tios faziam? Como meu vô casou várias vezes — umas quatro vezes, a minha mãe é do primeiro casamento, era ela e mais cinco, e estão vivos dois agora, desse primeiro casamento: minha mãe e minha tia. E os outros irmãos dela formavam 16, eu acho, porque meu vô teve mais de 12 filhos com essa minha avó, que é a madrastra... Então eu tenho um tio mais novo que eu. Então, meus tios que já eram adolescentes, eles e os meninos da rua fizeram um negócio na época que até hoje eu acho absurdo: eles empinavam pipa com arame, você acredita? Eles tinham um arame fininho, e não era pipa, naquela época era outra coisa, era um quadrado. Já ouviu falar de quadrado? O quadrado... Uma vez eu fiz para meu filho, eu estava lembrando... Eu sou da época da pipa já, mas eu lembrei um pouco: você pega uma vareta, assim, vou fazer um quadrado... [o professor, enquanto fala, desenha no verso de uma folha de papel para exemplificar]. Fica mais ou menos um quadrado assim, e a rabiola que o pessoal chama, nós chamávamos “o rabo”, era de pano. Aquele negócio pesado, subia bem no alto, assim [gesticula erguendo a mão ao alto] e o pessoal resolveu fazer aquilo com arame. O pessoal mais velho ficava escandalizado, e tinha fio descascado... O pessoal não estava nem aí. Moleque é fogo né? Minha mãe fala assim, até hoje, que até o diabo tem medo de moleque. Moleque faz cada coisa... Depois, com leitura, você vê aquela história da descoberta da eletricidade, do raio... Você começa a pensar: “— está vendo? Podia ter acontecido isso aí”. Você vê aquelas coisas absurdas. Então tinha essa história de pipa, bolinha de gude e do futebol, e muitas coisas assim. Tinha uma coisa que até hoje eu vejo um pouco: briga de turma. Sabe aquele negócio de bairro? Tinha o pessoal da rua de cima, o pessoal da rua de baixo, aquela disputa, entendeu? Para disputar quem ganhava na briga, brigava na escola... Aquelas coisas... Você vê que o tempo passa e não muda muito. Aí, se um brigava, ficava esperando na porta da escola, e olhava para ver se sua turma estava lá, e se não estava você ficava esperando... Tinha uma escola que eu estudei no primário, que era “grupo escolar”, tinha um lugar, que quando as coisas estavam ruins para a gente, a gente falava: “— puts, os caras estão em maioria, vamos sair pelo fundo, lá pelo matagal” [risos]. Essas coisas de criança... Olha, no primeiro dia que eu entrei em uma escola, eu fiquei com tanto medo, com tanto pavor... Eu lembro até hoje, a minha mãe e essa tia que eu citei agora pouco, minha tia, falaram sobre a educação antiga, que é a questão da pedagogia do medo, em tudo sempre colocava medo. Eu acho que durante a vida tem que ser um pouco medroso, sabe, não tem cura. Minha tia... A primeira coisa que minha tia me falou, não esqueço disso, passamos assim, perto de um quarto: “— Aqui nesse quarto, os alunos que não fazem a lição ficam trancados”. Eu olhei para ela e fiquei com o maior medo, eu lembro até hoje disso aí, maior pavor disso. Aí comecei a olhar aquela sala, aquela lousa, o maior pavor... E para estudar? Não entendia nada, não compreendia nada, maior medo, medo de tudo. E lá dentro da escola tinha a mesma coisa: disputa pelo poder. Tinha os meninos mais fortes: “— De que turma você é?”. Tinha os mais fortes, que eu não lembro o nome... O cara maior, ele tinha a turma dele e tinha a turma do outro. Quando você estava no pátio, se encontrava a turma do outro, os caras zoavam, batiam... Aí vinha o outro cobrador, bronca... Aquela palhaçada de criança. Até hoje tem isso aí. Eu lembro disso, e da dificuldade da questão da aprendizagem... Você com 7 anos não tem muita experiência com essa coisa de escola, esse negócio de pré... Você entra direto nesse mundo, né, um negócio difícil. Tem o lado positivo, tinha muito conhecido, parente que estudava junto. Tinha duas escolas, a metade estudava... Toda escola você tinha parente, é muito primo. E tem a coisa ruim também... Olha, eu não esqueço que o diretor me agrediu, não esqueço disso. Eu briguei com um menino, aí me levaram para a diretoria, o diretor tirou a cinta para bater em mim e no menino. Aí eu falei pro meu pai, e meu irmão ficou revoltado — mais velho, sempre me tomou as dores... Ele era daqueles, naquela época de moleque: “— Meu irmão vai brigar e ninguém vai entrar não, viu”, ele era o primeiro a entrar, e ficou revoltado, não se conformou com aquilo. Mas passou tanto tempo que eu tava no quartel e precisava pegar o histórico escolar, aí o meu irmão falou pra mim assim: “— Roberto, sabe o que você faz, chega lá e bate no diretor” [risos de todos, exclamações]. O seu Mário... Você sabia que naquela época o diretor tinha tanta importância que a escola tinha o nome do diretor. A escola tinha um nome, se chamava Santo Estevão, Vila Formosa, e mesmo com o nome da escola, quando o cara se referia à escola, falava o nome do diretor. — “Onde você estava estudando?” — “Tô lá no seu Mário”, esse cara é o Mário, né... Tinha uma outra escola, e o diretor se chamava Ari. — “Onde você está estudando?” — “Lá no seu Ari”. Aí a importância do diretor, não sei se vocês já observaram isso. Pode perguntar para as pessoas, assim, de 40 e poucos anos, para as pessoas que estudaram em grupo escolar, a importância do diretor, a força do diretor. Eu lembro desse fato lamentável, mas fazer o que né? Às vezes já deu vontade de fazer isso, mas as pessoas não podem exigir dos outros. Às vezes a gente fica num estado de nervos tão grande que fala, “— puxa vida”... Acho que lidar com a educação, ser professor, é ser colocado no limite direto, o relacionamento humano com as pessoas, você está sendo colocado em um determinado limite. Então às vezes você passa por uma situação difícil, você precisa ter muito auto-controle. Acho que qualquer um que trabalha com público, sobre tensão, passa por isso né? Aí eu tive o azar de pegar o cara naquele momento que ele tava realmente super estressado. Não se usava esse termo na época, e a época também — que você tem que colocar no contexto — eu até vejo assim no contexto do regime militar, a questão da ordem, da autoridade. Eu acredito até que os pais batiam mais nos filhos naquela época do que hoje... Por que eu acho que a repressão vem, começa lá em cima e vai se ramificando em todas as partes da sociedade: na relação do homem com a mulher, na relação dos pais com os filhos... Eu lembro que meu pai, que eu até comento com minha filha, que meu pai é um cara tão tranquilo, mas o meu pai batia demais [risos]. Mas... Está certo que a gente dá motivo né? [risos]. A gente dá motivo. Mas essas coisas que você começa a analisar, a questão da sociedade, essa atitude do diretor que ficou por isso mesmo... Meu pai deve ter pensado: “— esse moleque deve ter aprontado, eu acho que mereceu”. Ah, uma coisa que eu ia falar é sobre a pedagogia do medo, então você ficava falando de muitas coisas de medo com a criança, e isso prejudica muito mesmo. A gente ficava assim numa, quase todo dia a noite tinha uma fogueira, numa época de São João, aí tinha então que ficar em volta da fogueira, tudo mundo, e sempre tinha alguém contando uma história. Sempre tem história de fantasma, eu acreditava em tudo, passava o maior medo. Aí ficava com medo de ficar sozinho, meu filho tem dez anos, e já fica em casa sozinho. Na idade dele eu não ficava sozinho. Por que meu filho fica, eu não fico contando essas histórias para ele, não tem pedagogia do medo. Então agora, você vê como isso marca as pessoas né? Entendeu? Tem umas histórias... Tem um história, eu não esqueço essa história, inclusive eu até escrevi essa história. É uma história assim: chama-se “Mão de Ouro”. Dois irmãos foram nadar em um lago. Tinha o irmão mais velho que tinha 12 anos e o mais novo tinha 8 anos, 9 para 8 anos. Foram mergulhar e lá eles encontraram uma mão de ouro. Aí o mais novo pegou a mão de ouro, e o mais

velho, naquela briga toda, forçou e tomou a mão de ouro desse menino, e o resultado foi trágico: o menino mais novo morreu. Foi um escândalo na cidade, “um irmão matou o outro por causa da mão de ouro”, e teve aquele rebuliço todo na cidade. E no dia do enterro, para enterrar, pra ir pro cemitério, tinha que passar por cima de uma ponte sobre esse rio que esse menino morreu. E a família enterrou lá, fez o culto todo... E na hora de voltar, a família passou por sobre essa ponte, só que já estava anoitecendo, a noite estava caindo... Aí você começa a mergulhar na história né? Aí o cara começa: passa o pai, aí e eles cantam uma musiquinha assim, quando o pai começa a passar, ele ouve uma música que vem lá do rio, assim [cantando]: “passa, passa meu paizinho / foi seu filho que me matou / por causa da mão de ouro minha vida se acabou”. Aí foi, aí vem a mãe: [cantando]: “passa, passa, minha mãezinha / foi seu filho que me matou / por causa da mão de ouro minha vida se acabou”. Aí passa o irmão: [cantando]: “passa, passa, minha irmãzinha / foi seu irmão que me matou / por causa da mão de ouro minha vida se acabou” Aí passa o irmão, o assassino [risos], aí chega lá e fala assim: [cantando e batucando com uma caneta na mesa]: “passa, passa, meu irmãozinho / foi você que me matou / por causa da mão de ouro minha vida se acabou... PEGUEI [o professor vai diminuindo gradativamente o volume de voz para no fim gritar: “peguei” E pega na perna de alguém. Muitos risos por parte de todos]. Quando o cara falava isso, tudo mundo gritava, aí todo mundo acreditava, ficava naquele pavor [risos]. Aí para arrematar o cara falava assim: “quem dorme perto da janela vai ouvir essa música” [risos] Puxa, aquilo me marcou demais Aquilo ficou na minha mente, caramba, que história Aí, a primeira vez que eu contei essa história, que foi uma coisa assim, incrível, me veio assim na mente, eu estava morando com a mulher que eu vivo até hoje, estava lá conversando com ela, aí acendeu uma vela e falou assim: “puxa vida, eu lembro de uma história, de quando eu era criança...” Aí comecei a contar a história, quando eu gritei “peguei” ela deu um grito tão grande e eu ri tanto Aí tudo bem, passou o tempo, eu já peguei minha filha... Aí peguei primo, um dia nós estávamos, na praia, tinha um monte de criança, assim, todo mundo sentado, resolvi contar a história, aí adulto se assustou Tem um menino que eu peguei na perna dele, o Mike, hoje ele é alto pra caramba, até hoje ele lembra. Caramba que história, essa história tem um negócio Uma vez eu contei na sala de aula, uma menina lá da frente gritou Eu penso: “o que é que tem nessa história?”... Eu não sei quem me contou, não lembro. Lembro do ambiente, que era essa fogueira, que sempre o pessoal contava, contava aquela história lá. Pior que tinha alguém que falava: “eu vi, aconteceu comigo” Sabe o homem que cresce? O homem que cresce era um cara desse tamanhozinho, quando chegava perto dele ele ficava... O homem que cresce... Coisa dessa pedagogia do medo, do pavor, do castigo, eu acho que marca bem as pessoas né?

Cotidiano na escola da infância

Eu lembro que naquela época a gente cantava o Hino da Bandeira, todo dia... Quando o professor entrava na sala todo mundo ficava de pé, tipo militar, mesmo. Aquelas coisas que marcam a gente... Dessa escola eu não lembro de nenhum professor, nenhum diretor... Eu lembro assim, não lembro do nome e tudo, eu lembro da aula, como que era a carteira, entendeu? A carteira grande e sentava um do lado do outro assim. Lembro da questão do lanche. Da merenda, isso eu lembro. Até hoje eu sou professor merendeiro, se eu tiver chance de comer uma merenda eu aceito. Lembro da merenda, lembro até do gosto do chocolate, como era feito naquela época, eu lembro da minha mãe levando lanche para mim. Eu lembro dessas coisas. Coisas que marcam para caramba. Teve o fato, assim, de aprender... Da Caminho Suave, daquela cartilha... Vocês conheceram a Caminho Suave? Já ouviram falar? Inclusive uma coisa muito interessante sabe, eu estava aqui na semana passada, eu comecei a falar da Caminho Suave para outra professora da mesma faixa etária que a minha. Nós começamos a falar da primeira parte da Caminho Suave, do A, do A de abelha, B de barriga, aí vai, T de tapete. Que o “nh” era a Nhá Maria que carregava lenha, essas coisas... E você vê que todo mundo lembra, até o diálogo que era esse negócio tão marcante. Você lembra que o L era laranja? Lembro do X xadrez, essas coisas... Eu lembro a questão de aprender a escrever. Aquela professora fazia o A, e você tinha que ir lá preencher o A, assim, aquele movimento, entendeu? Eu lembro dessas coisas que foi nessa escola aí. Mas eu não passei no primeiro ano Minha mãe mudou de escola, e eu fui lá para o Frederico né? E do Frederico eu só lembro de uma professora do primário. Eu não esqueço aquela professora lá, o nome dela era professora Leonor, era uma loira tão bonita... Eu lembro até do cabelo dela, professora que faz o cabelo armado assim. Eu lembro da beleza daquela professora, e pela dedicação dela, eu lembro muito bem da dona Leonor. Do resto eu não lembro. Ela deu mais atenção para a gente, eu tinha uma dificuldade incrível. Tinha muita dificuldade. Tem uns fatos interessantes do meu irmão... Inclusive eu tava lembrando disso, né, da nossa ligação, que nós trabalhamos perto, no mesmo emprego muitas vezes, mas sempre perto. E nessa época de criança ele repetiu, eu passei para o segundo ano, nós temos um ano e meio de diferença, ele repetiu e eu passei para o segundo. E nós ficamos na mesma sala. A gente brigava pra caramba, sentava um longe do outro, eu lembro de algumas coisas dele, que ele pegava o caderno para escrever, [risos], ele começava a escrever, depois ele levantava e chegava perto da lousa para escrever. E eu perguntava: “por que esse menino faz isso?” Você vê que isso é uma coisa incrível, a professora ficava chamando a atenção dele e meu irmão tinha que usar óculos naquela época Ele começava a escrever, assim, e ia andando e perguntavam: o que você está fazendo aí? A professora pedia para ele voltar, mas ele ia lá de novo. Você vê que ela não teve percepção para ver que ele tinha uma deficiência visual né? Ele foi um dos primeiros de casa a usar óculos. Passei a usar óculos depois de 30 anos. O meu irmão desde pequeno. Aí, que aconteceu, eu repeti o segundo e ele passou. Ele falou: graças à Deus me livre de você Aí no outro ano fizeram sala mista, 3º e 2º [risos] Ai, caramba... É muito tempo... Inclusive, no ano retrasado, ou no ano passado, faleceu a minha tia, irmã da minha mãe desse primeiro casamento... Das três irmãs ela era a mais nova. Estávamos lá no velório, eu e esse meu irmão, conversando, e chega um cara que eu não lembrava direito. A última vez que ele nos viu, sem mentira nenhuma, foi no segundo ano do primário. Isso foi o ano passado. Ele chegou e falou: “Você é o Marco e você é o Roberto”. Ele não esquece dos dois juntos na sala de aula Os dois juntos... Coisa marcante... Não era muito comum ter sala mista nessa escola, às vezes tinha. Era assim, era uma época que separava menino com menino e menina com menina e tinha a sala mista, e fizeram uma experiência. Eu não lembro agora com certeza se foi a primeira experiência ou não. Fizeram uma coisa parecida com o que se chama hoje de aceleração: você pega os alunos que repetiram e mistura com o pessoal do terceiro... Deve ter sido alguma experiência pedagógica, eu não sei se foi a primeira turma, se não foi, se já teve uma outra experiência...

Juventude

Minha Juventude eu passei em outro bairro, outro lugar. Quando eu ia fazer 13 anos, a família mudou para a Cohab de Carapicuíba. Então passei a adolescência na Cohab de Carapicuíba. Aonde eu vivo até hoje, eu vivo perto da Cohab, eu vivo em Carapicuíba desde 1973 até hoje. O que eu gostava de fazer na época de jovem, a diversão dos jovens que era moda naquela época era jogar bola, como eu já falei... Jogar bola e baile, festa, né? Se reunir com os amigos, fez um movimento muito interessante. Eu gostava muito de jogar futebol, a gente tinha muita energia, sabia? Os jovens entendem isso não, não sabem, não... Vão saber quando chegarem na minha idade, por exemplo. Nessa idade os jovens tem muita energia. Depois vão ver e vão fazer a comparação. Para vocês terem uma idéia, a gente chegava na sexta feira, ia para o baile, sábado de manhã a gente jogava bola. A gente ia para o baile no sábado e no domingo a gente jogava bola Agora é o seguinte, depois que você passa dos trinta,

trinta e poucos anos, você joga bola e se não tiver o hábito de jogar todo final de semana, você joga no domingo e passa a semana inteira com o corpo doendo... Isso faz você pensar: “será que vou, será que não vou...”. É triste o negócio, é feia a coisa. Se você vai para o baile não vai jogar bola, ou faz uma coisa ou outra. Você vai no baile uma vez por mês, esse negócio de nostalgia... Pensando naquele tempo... É bom, mas tem esse lado triste, trágico da vida, né... Mas é uma coisa muito interessante. Mas você só tem consciência disso depois que passa, depois que passa você tem consciência... E eu vivi a juventude naquela época do movimento Black Power, né? Aquelas coisas doidas que eu achava muito interessante. Tinha aquela divisão entre brancos e negros na música. Não era uma coisa assim de muita agressividade, a gente convivia, estudava junto. Era o seguinte: tinham negros que curtiavam rock, mas eram discriminados, a gente chamava assim, os negros que não gostavam de samba, sabe como eram chamados pela gente? Eu reparei que até no bairro onde eu morava, a gente chamava eles de “negro branqueiro”. [risos] Os caras gostavam de Led Zepeling, os caras que curtiavam esse som, não eram respeitados pela gente. Então a gente tinha esse movimento que começou na década de 70, que era o movimento do “black is beautiful”, “negro é lindo”, a afirmação estética do negro. E a gente ia para aqueles bailes. Baile no Palmeiras, baile no Tietê... Fazia aquelas rodas, todo mundo dançava, era uma festa, uma coisa assim incrível Mas eu passei a observar aquilo depois com uma visão crítica. Porque muita gente criticava, até vi na televisão, por que os negros estavam imitando os americanos. Era verdade, como o pessoal que curte rock, essas coisas, imita também. Era a mesma coisa. Mas ali tinha um outro significado... Que depois de um determinado desdobramento, tem o significado seguinte: que a grande contribuição desse movimento é que o negro estava se afirmando esteticamente, deixava de ficar só imitando o branco, questão de afirmação estética. Usar o cabelo daquela forma lá que o pessoal falava que era ninho de não sei o que... Aquelas coisas que o pessoal falava do cabelo Black Power, da mesma forma que o pessoal dos anos 70 deixava o cabelo comprido como forma de agressão, também é uma forma de você se afirmar, mesmo. De você fazer sua moda, você não vai mais imitar o outro, né? Ao passo que a geração de meu pai usava aquelas rodas para alisar o cabelo. Tem um filme, “Malcolm X”, que o pessoal usava lá, que o cara colocou a cabeça na privada... Eu lembrei daquela cena do meu pai me contando. Meu pai falando que a primeira vez que ele usou aquela solda, ele nunca mais viu, queimou o couro cabeludo, ele sofreu pra caramba. Aí ficava falando assim, que as mulheres ficavam falando pra depreciar: fica parecendo “boi lambeu” [risos]. Ali era uma forma de você imitar o outro, né? Você valoriza a estética branca, você fica imitando o outro. Ao passo que o movimento do som, aquelas músicas todas, dava uma outra referência pra gente, que é essa questão racial também. Depois eu acho que isso aí vai influenciar o surgimento do movimento negro de 78, vai também influenciar aquele movimento da Bahia, a questão da estética. Acho interessante. Depois de um tempo – para você ver que eu passei a fazer a faculdade com 24 ou 25 anos – eu comecei a ler um pouco mais, e perceber que, na verdade, de certa forma, você perde muita coisa. Por exemplo: conheci o Bob Dylan depois de apreciar alguns roqueiros, entendeu? Ouvir Pink Floyd que eu odiava, um monte de coisa que eu odiava por causa desse meio que você vivia. Você vê que tinha qualidade, depois você vê. Mas é tarde, tinha um monte desses discos aí, e eu doe todos. O meu tio era taxista, não sei se o cara esqueceu no carro, só sei que ele tinha um monte de discos. Ele falou assim: pode ficar com você. Eu levei na escola e aí uma menina falou assim: “eu gosto desse cantor aqui” – que era o Bob Dylan. Até hoje eu me arrependo disso... Eu falei: “pode ficar com você”. Aí tinha lá, o Pink Floyd: “ah, pode levar isso aí”. Aí alguns caras falavam: “vamos quebrar isso aí, isso aqui para mim é lixo”. Caramba, que estupidez Quando você se fecha muito nessa questão cultural, você acaba perdendo. Você passa a ter uma dimensão maior da coisa, já pensou meus colegas gays ouvindo isso aí? Que bobeira né? Uma bobeira... No meu primeiro emprego, eu trabalhei no extinto supermercado “Pegue e Pague” como “pacoteiro”. A gente chamava “pacoteiro” o empacotador. Não é “pacoteiro”, é “empacotador”, eu falei errado Mas não é registrado como empacotador... O nome eu achava até chique. Sabe qual é? “Reclassificador”... Eu trabalhei registrado lá. Foi em 1974. Inclusive, foi uma das primeiras vezes que eu fui para a cidade sozinho. Já tinha certa autonomia, tinha 14 anos, eu fui lá em Pinheiros, onde era o departamento pessoal. E no dia que eu cheguei nesse lugar foi o dia que teve o incêndio do Joelma, que teve notícia e tal... Sempre quando eu retomo esses acontecimentos, eu lembro desse incêndio. Em seguida eu lembro também de uma coisa racista: que tinha um chefe lá, o cara que ficava na frente – todo supermercado tem aquele pessoal que fica na frente – tinha um cara que xingava a gente, chamava nós, os negros de “restos de incêndio do Joelma”, quando ele estava nervoso. Você acredita? Falava pra caramba aquele cara lá. Falava todo tipo de besteira pra gente. Mas agora vou fazer o que, só rindo, não adianta mais... Naquela época não tinha nada de falar sério... Até hoje se você falar alguma coisa de racismo não dá nada não, não acredito muito nisso.

Formação profissional

Uma figura que me marca muito é meu vô materno porque ele falou para mim um pouco antes de morrer que ele chegou em São Paulo e só conhecia enxada e panela, chegou com 19 anos, e ele tinha uma visão das coisas que eu achei uma pessoa rara, uma pessoa assim.. Ele achava que as pessoas tinham que estudar, e naquela época ele organizou um curso de admissão, organizou um curso de datilografia, montou uma banda de música... Incentivou os filhos né, o meu avô. O nome dele é Antônio Valentim dos Santos, inclusive esse ano ele faria 100 anos, dia 13 de agosto. Eu achei muito legal essa atitude dele, mas ao mesmo tempo eu penso como uma frase que eu gosto muito de usar, que é uma referência sobre Simón Bolívar na atitude dele em relação à construir uma América de língua espanhola grande... Quando ele vê que não deu certo, a biografia diz que ele usou a seguinte expressão – não sei até que ponto isso é verdade, mas acho muito legal essa figura de linguagem – ele diz assim: “eu arei no mar”. Isso, é triste né, já pensou você arar no mar? E de certa forma o lado triste que me incomoda profundamente é que meu vô de certa forma arou no mar, porque eu estou com 47 anos, me formei com toda a dificuldade, quando eu me formei já era um cara maduro, já tinha 30 anos, quando fiz o curso de História, e na minha família não tem ninguém que tenha um curso universitário que eu conheço, entendeu? Então é uma coisa assim que, você vê, as pessoas não valorizam essa questão do saber, essa questão do estudo. E eu não tenho orgulho disso, de ser o único universitário, com quase 50 anos ser o único universitário, para mim é um dado triste, lamentável. Então você começa a ver que teve uma idéia, uma idéia boa, que não gerou frutos de certa forma, você olha numa família que não tem um parente advogado, que eu acho importante, um parente engenheiro... Eu acho que nisso você não dá uma referência, tradicionalmente você não dá uma referência para a nova geração. E você vê que isso é tão forte, a partir do momento que eu me formei e no relacionamento que eu tenho com os meus filhos, você vê que a pessoa já tem certo interesse, você vê que as coisas são diferentes, entendeu? E os meus irmãos, conversei muito com eles e agora eles falam para mim que eu estava certo. Mas é lamentável você ver que depois que “caem as fichas”, pode ser muito tarde. Você não valorizar, acho que é uma questão de mentalidade sabe? Mentalidade equivocada: “não vou estudar porque vou ter que cuidar dos meus filhos”, mas “não vou estudar porque minha mulher não quer ficar sozinha quando eu for estudar à noite”, “estudar para quê”? Umás idéias assim, babacas: “estudar para quê, fulano lá é camelô, comprou casa, tudo, sem estudar”, entendeu? Aí você começa a rebater esse tipo de argumento, falar: “pô”, se o cara é camelô e ganha muito dinheiro, se ele tivesse estudado iria mais longe, se ele tiver inteligência ele sabe disso, “se eu tivesse estudo ia muito mais longe”... Um grande empresário ou coisa parecida... Então essa não valorização pela questão do saber na família, porque houve uma iniciativa,

não deu fruto, realmente é uma coisa que eu gosto de lembrar muito, desse lado do meu avô, que ele falou para mim essa questão da enxada e da panela, entendeu? Ele sabia disso né? Infelizmente eu acho lamentável... Tem também aquele negócio que o pessoal fala: “vou estudar agora? Já tenho 30 anos, to com 40” Aí eu falo que ninguém sabe quando vai morrer, se é tarde ou se é cedo para estudar para fazer alguma coisa, não é? Se você soubesse previamente: você vai morrer com 27 anos, então se você está com 25, você vai fazer um curso com 25 anos? É tarde. O pessoal não sabe: “não dá, não vou fazer”... Eu quando conheci a mulher com quem eu vivo – nós somos casados oficialmente, ela é dois anos mais velha que eu, ela só tinha a oitava série – eu falava: –“Você não vai estudar?”. –“Ah, não sei...” E eu falava: “não, você tem que estudar”, e comecei a incentivar. Ela arrumava mil desculpas. Aí a gente namorava, chegou no dia da matrícula na escola, eu a levei. Ela fez o ensino médio, era auxiliar de enfermagem. Aí eu falei: –“quanto tempo você vai ficar como auxiliar de enfermagem?” –“Ah, não dá para estudar por isso, por aquilo... Por causa das crianças”, tudo... Aí passou. Quando ela tava com 40 eu falei para ela assim: “você não vai estudar? Não vai prestar o vestibular?”. Ela prestou vestibular, mas dizia: “eu não sei isso, não sei aquilo, já é tarde...”. Aí eu falei: “quando você tiver 44 você vai falar assim ‘se eu tivesse feito já teria terminado’”. E quando você tiver 50: “se eu tivesse feito, já teria terminado”. E ela estudou, fez enfermagem, agora ela é enfermeira, já terminou, vai fazer 50 anos ano que vem e a idéia dela é voltar a estudar. Então eu acho que as pessoas tem que ver a vida dessa forma. Uma coisa que eu acho lamentável na minha família é a não valorização do saber, e não só na minha família, as outras pessoas que eu conheço também que vem da mesma origem, tanto a origem racial como a origem econômica, social... Acho que isso é um caos...

Vocação / opção

Ser professor de história não foi uma coisa pensada, não. Olha, às vezes a pessoa pode até achar que eu fico “fazendo média” com a professora Helenice, mas eu sou professor de História por causa dela. Eu sei que não é média, porque eu sei o que me levou a fazer História, qual era a minha idéia quando tava fazendo História. Quando entrei no curso eu trabalhava na Fepasa, trabalhava como segurança lá. E eu sempre quis estudar e continuar estudando. Tanto é quando estava falando desse negócio da curtição do show, do baile, tudo, eu lembro que a maioria – o mesmo exemplo lá da minha família – a maioria dos meus colegas não estudava. Eu lembro que naquela época precisava usar avental para ir na escola, não sei se vocês lembram disso ou ficaram sabendo disso, que à noite todo mundo tinha que ir de avental branco para a escola. São Paulo inteira era assim. Era o uniforme da noite, principalmente avental branco. Se você não estivesse de avental branco você não entrava. Aí colocava meu avental, passava no meio deles, que estavam lá numa roda conversando, ficaram tirando barato de mim. Gozado, mas eu não estava nem aí, não. Eu e o Augusto voltamos a estudar, mas ele acabou parando. Mas, voltando ao assunto sobre a Fepasa, eu comecei a estudar para prestar o vestibular. Eu prestei História na USP, na PUC, aí eu passei na primeira fase da USP, não passei na segunda e entrei na PUC, comecei a estudar. Como era uma empresa muito voltada para a questão jurídica e a questão da engenharia, porque é uma ferrovia, o pessoal ficava espantado: o que você pretende com esse curso? A minha idéia seria assim: eu faria o curso de História, teria uma formação universitária... Fiz História porque sempre gostei, isso é uma coisa que eu sempre gostei mesmo. Desde o primário, sempre gostei muito dessa matéria. E eu ia fazer por isso. E pensando na questão profissional eu achava que depois que fizesse o curso de História poderia concorrer à algum concurso interno em algum cargo que exigia uma formação de terceiro grau, uma formação universitária... Essa era a minha idéia, não tinha intenção de ser professor. Tanto é que muitos colegas que estudavam História já começavam a dar aula, naquela época tinha muita aula né? Então, eu não queria, não tinha essa idéia de ser professor. Aí me despertou o interesse de ser professor depois que fui ver o curso de Prática de ensino de História com a professora Helenice, me despertou o interesse de ser professor. Mas mesmo assim eu continuei na ferrovia e sendo professor muito tempo. Demorou para eu abandonar a ferrovia, para ficar só como professor. Um amadurecimento. Mas achar que eu tinha vocação para ser professor... Eu não pensava em ser professor, e então fiz esse curso de Prática de Ensino de História. Eu acho que não fui um aluno brilhante da professora, minha média era 7, 6, 5... 8... Mas eu gostei da proposta de trabalho dela. Depois de ter feito estágio como ela tinha falado, acompanhei o trabalho dos professores, achei muito interessante a profissão. Mas antes disso, sabe o que eu queria ser? O que eu estudei? Logo em 1983 eu comecei a fazer um curso lá no interior, na Tereza Martan, de biblioteconomista. Eu queria fazer biblioteconomia. Aí, como o pessoal pegava no meu pé falavam que era curso de mulher – eu tava na Sharp, não na Fepasa, ainda... Um camarada meu comentou esses dias do meu irmão Marco, que estudou junto comigo: “por que seu irmão quer fazer esse curso? É coisa de mulher” Eu fui porque eu gosto muito de livro. Depois que eu li que você manipula o conhecimento, você tem que conhecer o livro, organizar... A idéia da biblioteconomia não é que você vai ser bibliotecário e só ficar catalogando livro, você vai organizar informação também. Eu gostava daquilo, queria fazer aquele curso. E comecei a fazer. Eu estava na Tereza Martan... Tinha outra coisa, pelo livro da escola. Tem professor que não fala que estudou na Tereza Martan de vergonha, você sabe disso né? Que o nível da escola é ruim, tanto é que o professor que dava aula lá usava o livro didático do Cárceres. O curso era universitário e o professor usava livro didático. Aí eu fui mandado embora da Sharp, fiquei um ano desempregado, saí do curso e falei: “agora eu vou fazer História, mas eu não quero mais estudar em uma escola assim”. E entrei no Anglo, fiz cursinho. Eu nunca tive esse grilo de idade, tinha uns meninos de 18 anos e eu tinha já 24, 25... Eu não estava nem aí. Fui lá, fiz o cursinho pra uma escola melhor, essa era a minha idéia. Mas eu gosto de biblioteconomia até hoje, sabia? Se eu tivesse deixado de lado, estaria hoje em uma atividade até interessante de biblioteconomia com História... Casaria bem. Tem esses preconceitos: “pô, isso é coisa de mulher. Negão desse aí fazendo isso” Tem um caso que... Tem essa questão de ser segurança negro e alto. O porte físico... “Esse cara é segurança né?”. Vou falar de política. Eu fui candidato pelo PT, na eleição de 2004 para vereador. Aí teve uma festa do PT, a Marta ia nessa festa e eu fui, perto lá do Cangaíba. Fui lá. Tinha um grupo que me apoiava que falou: “a gente vai armar para você tirar foto junto com o Mercadante”. Chegando lá, aquele monte de gente, o cara super assediado. Candidato para tudo quanto é lugar. Aí: –“esse cara podia tirar foto junto com o meu candidato”, –“tudo bem, quem é o seu candidato?”. Eu tava muito bem vestido, de terno e tudo, né? –“Esse é o nosso candidato, o professor Roberto”. –“Candidato? Eu pensei que fosse o segurança” [risos]. Você vê o estereótipo? Mesmo assim vou votar nele. Sem ressentimentos. É verdade... Muito engraçado. Mas vou votar no cara mesmo assim, deixa para lá. Eu também li outra coisa preconceituosa, do Milôr Fernandes. Não li, eu vi, em uma entrevista na CBN ou na Bandeirantes, uma dessas estações. Ele estava falando assim – eu acho que era muito preconceituoso o que ele estava falando: “para você ver, se você for morar em tal lugar, antes você tinha vizinho”, e falou o nome de pessoas importantes, “agora é Benedita da Silva que é seu vizinho”, o Milôr Fernandes falando. Tá aí uma coisa que eu achei mais lamentável do que a do Mercadante, ele [o Milôr] falou assim que antigamente dizia-se o seguinte: “sempre atrás de um grande homem há uma grande mulher”, agora tem que mudar essa frase: “sempre atrás de um grande homem tem um negão” Você acredita?? O cara falou na rádio O Milôr Fernandes Bom, mas voltando à minha formação pro exercício da docência... Olha, a formação influenciou na prática porque na época que eu entrei na PUC tinha lá o chamado “círculo básico”, que foi tão criticado, mas que era tão bom... O pessoal criticava, tinha reunião com o pessoal metendo o pau. Mas na verdade ali tinha uma briga... Posso usar um termo vulgar? A briga era pela comida, pelo emprego. Pois o que passou para mim dali foi isso. Porque... Esse pessoal do básico não era da História, tinha o pessoal desse grupo, os professores de antropologia...

HTPC... Estudo? Como era o nome desse negócio? Antropologia, psicologia, metodologia... Expressão... Linguagem e expressão para você escrever texto e tal. Esse pessoal não estava ligado à faculdade de História. Era um outro grupo. E, pelo que eu entendi, se acabasse esse núcleo os professores de História teriam emprego mais fácil. Então tinha uma briga, o pessoal tinha que reservar o espaço deles. Eles chamavam os outros de “especialistas”. Eles não eram especialistas, eram mais ligados à prática docente. Tinha essa divisão. Eu achava, pela fala de alguns professores, principalmente a professora de antropologia e psicologia, que eles achavam que eles eram mais “professores”, e os outros eram “especialistas” na área. Foi isso que eu entendi... Isso é uma visão minha, posso estar completamente equivocado, mas foi essa a impressão que me passou. Mas no geral foi uma coisa assim muito boa para a formação, tanto na formação de grupos... Por que você estudava com pessoas nesse núcleo, por exemplo: reunir metade do pessoal: eram 50 alunos na sua turma, metade (25) misturava com 25 da sociologia e seus 25 estudavam com o pessoal de sociologia. Era um negócio legal. A rede de amizades que você montava, a amizade que a gente fazia com o pessoal das ciências sociais era muito interessante. Fiz muitos amigos por causa dessa formação. Depois você tem lá, uma visão muito interessante sobre a psicologia, entendeu? Behaviorismo... Até hoje o que eu aprendi sobre Behaviorismo – lógico que é uma coisa, assim, bem “por cima”, superficial... Mas é uma coisa assim, se alguém falar sobre Behaviorismo você sabe que é psicologia do comportamento, essa questão do Freud, a importância dele na questão da cultura, outras correntes da psicologia... Na antropologia: Levy Strauss, os textos que nós trabalhamos com Levy Strauss na antropologia, aquele lá do Barinóvisk, dos Argonautas, que ele faz um trabalho com os nativos lá do Pacífico, um texto muito interessante, com uma discussão muito rica. A dinâmica da aula era muito boa. Na aula de Linguagem e Expressão sobre a questão da linguagem, da cultura... Não sei se vocês assistiram o filme do “Enigma de Casper Hower”. Muito interessante, eu assisti na antropologia, e nessa parte de linguagem e expressão. Esse filme é do Herzog, o cara que fez um filme recente sobre o “Homem Urso”... Esse filme conta a história de um cara que foi criado no sótão (ou no porão) até a idade de 19 anos, e o cara que cuidava dele dificilmente conversava com ele. Quando ele ficou adulto, com 18 para 19 anos o cara ensinou para ele a palavra “cavalo”, ensinou ele andar, colocou uma carta na mão dele e o colocou na cidade. O cara que não sabia nada. A história conta como ele vai se humanizar. Porque fisicamente ele era humano, mas culturalmente não era. Ele estava bem próximo a um bicho. E como ele tem uma capacidade de aprender muito grande, lembra onde estava... O Herzog se baseou em um fato que aconteceu no século XIX em uma cidade da Alemanha. Na medida que vai aprendendo, ele sofre um atentado e acaba morrendo. Mas há a hipótese de que ele era um filho bastardo de uma família importante, que não queria causar escândalo, e foi criado separado. Então é um negócio pra você refletir sobre a questão do homem, sobre a questão da linguagem... Muito interessante. Uma coisa que, assim, olhando, você começa a ver o quanto é importante. Essa última que eu não lembro o nome... “Estudo Filosófico Antropológico do Homem Contemporâneo”, alguma coisa assim... Era filosofia: Platão, Aristóteles... Então você começa a ter uma visão que é diferente de quando você vai estudar História. Você pode até estudar isso né? Quando você vai estudar Teoria da História, essas coisas, você vai retomar essas coisas... Para quem está entrando, tem aquele negócio: para quem entra na faculdade, você tem o complexo de burrice. E quando você passa para o segundo, terceiro ano você já supera. “O que é Materialismo Histórico?” Nós falávamos umas coisas ligadas ao jargão da nossa área... “Puxa vida, como eu sou burro né?”. Depois você tem a crise do final do curso: “o que eu vou fazer agora? O que eu faço agora meu Deus??” [risos]

Prática pedagógica

O principal desafio no começo da profissão de professor... É ter certeza de que a gente é capaz de fazer aquilo. Ser capaz de passar alguma coisa para as pessoas, ser capaz de superar suas limitações... Limitações de conhecimento, até mesmo limitações de conhecimento da língua, da escrita, todas essas limitações que são colocadas à prova. Você se comunicar com um grupo, perante várias pessoas, você saber lidar com a questão do ser humano... E na verdade você acaba aprendendo, adquirindo experiência. Você pode até diminuir os atritos com o tempo. Tem esse desafio enquanto professor de História, conseguir saber qual o seu papel dentro da escola, dentro da sociedade. Às vezes, quando você começa a pensar muito nisso, você corre o risco de se perguntar: “o que eu estou fazendo aqui?”. Já pensei nisso várias vezes: “será que eu ‘tô’ certo, ‘tô’ errado...” Eu acho que isso é natural, a nossa ciência histórica é uma ciência em que você tem que ficar se indagando... E em determinado momento, em sua vivência pessoal, você começa a se questionar se está no caminho certo. Às vezes você é surpreendido e sente que deu uma boa aula. Ou você prepara uma aula e não sai nada daquilo... Dá vontade de você olhar tudo... “Por que não deu certo? Estava ali, tudo esquematizado... E como não aconteceu?” São essas coisas... Você sabe que cada dia pode ter uma surpresa negativa ou positiva, até mesmo na sala de aula. Tem sala que você fica até pensando: “o que está acontecendo com os alunos? Estão tão quietos...” Acontece isso às vezes: “como é que pode? O que está acontecendo?”. Eu acho que é uma profissão que coloca você em situações diferentes. Às vezes assim, como nessa semana... É legal ser professor, eu estava pensando isso. Estava assim, pensando... Porque eu aprendi uma coisa: chamar a pessoa pelo nome, saber o nome das pessoas. Eu apanhei para aprender isso. Você chamar o aluno pelo número é trágico. Eu aprendi isso recentemente, faz uns três anos – eu estou nessa profissão desde 1991... Faz quinze anos que eu sou professor. Quer dizer, é dar murro em ponta de faca. Porque um dia, na época da candidatura, uma professora que eu trabalhei à muito tempo atrás – que está para se aposentar nesse ano, ou no começo do ano que vem... O nome dela é Roselita, ela falou assim: “ó, Roberto, eu sei o nome de quase todos os meus alunos, até hoje”. Tem uma memória boa pra caramba. Eu falei que não lembro o nome de ninguém, não. –“Como faz?” –“Pra começar, você tem que fazer chamada pelo nome, número...”. Se você tiver 10 salas, você vai ter 10 números 1, 10 números 10. Então se você não começa a chamar o cara pelo nome, você já não entende mais nada. Pô, sabe, são essas lições que falam... Às vezes essas lições despretensiosas ensinam muito mais do que essas “tematizadas”. Essa foi uma que eu aprendi muito. Então eu estava lá trabalhando, vi um determinado aluno e chamei ele pelo nome, conversei com ele. Chegando na escola, a mesma coisa: eu fui nas salas, alguns alunos eu conversei e chamei pelo nome... E conversei coisas assim, não necessariamente ligadas à escola. No pátio, o relacionamento humano... Você começa a se relacionar com as pessoas, eu acho muito interessante. Olha, no início da minha carreira eu montava muito material para dar aula. Eu usava livro didático, mas era raro. Não tinha esse problema do livro didático, mas também pela formação, a gente buscava outras alternativas, montava apostila, pegava outros elementos que não eram muito comuns de serem utilizados em História... Baseado no curso da professora Helenice, pegava história em quadrinhos, outras coisas para você desenvolver as relações no ensino de História. Mais isso, né? Às vezes eu tenho a impressão que tinha muito mais pique naquela época. Muito mais envolvimento... Também, hoje tem o computador. Antes você recortava figuras, você montava um texto, não digitava: datilografava. Você montava uma legenda, depois montava... Você montava ali mesmo, com o cara, o que você ia apresentar para os alunos. Uma época que você tinha essa coisa, essa questão artesanal também. Fazia-se muitos seminários... Faz tempo que não faço um. Seminário e debate, você fazia em grupos e depois debatía. De vez em quando eu faço isso, mas era muito mais freqüente... Uma coisa que eu sinto diferença é que o pessoal do terceiro ano que chegava, e era muito difícil chegar no terceiro, o cara queria estudar na faculdade, então o nível de interesse era outro, era um prazer chegar um terceiro ano, era um desafio, o cara te cobrava mesmo. Então era muito legal, muito interessante. Minha prática em sala de aula tem mudado no que eu já falei, no

começo... Faço só uma crítica: eu vejo o material que preparei no passado, assim aula... Eu tinha mais pique. Não sei se é por causa do desgaste do tempo. Eu tenho uma frustração como professor, não gosto de jogar isso para as pessoas, eu acho... Faz tempo que eu acho isso, que tenho essa frustração de algo que não consegui colocar em prática: os professores deveriam montar um livro didático, principalmente de História. Deveriam construir um livro didático, pela diversidade em que você pode fazer uma abordagem do mesmo assunto, você pode trabalhar Idade Média de várias formas. Então o professor tinha que dar um jeito de produzir o livro didático dele, produzir. Não necessariamente para comercializar isso, eu sei muito bem que tem um monte de professores que fazem isso, organizaram isso. Existe isso de forma organizada. Uma frustração que eu tenho como professor: não conseguir organizar, sistematizar... Estou fazendo estágio com um rapaz, esqueci o nome dele... Pedro... Ele foi aluno da Helenice. Sabe de uma coisa que eu admirava nela na hora da aula? Ela chegava lá no canto da sala e escrevia tudo que ela ia fazer: "hoje a gente vai fazer isso, isto e aquilo...". E ela fazia. "Caramba, será que a gente vai conseguir isso aí?" – eu falei para o cara. Aí o cara respondeu assim: "eu perguntei isso para ela... Sabe o que ela falou para mim? Que daqui uns quatro anos você já está fazendo isso". Eu já estou a quinze anos e não consegui Ela chega lá, e pronto, faz aquele roteiro... "Pô – eu falei para o cara – daqui a quatro anos você já tá assim" Para escolher os assuntos que vou trabalhar em sala de aula, eu procuro não fugir muito da proposta da escola. Vamos supor: cheguei aqui na escola e perguntei para o professor Tarcísio o que ele tava fazendo. Eu não gosto de impor, acho que tem que ter determinada coerência entre o que você vai trabalhar e o que a escola está trabalhando. Então você não pode forçar muito a coisa. Eu sei que na prefeitura – estou na prefeitura desde 2001 – tem escola que na quinta e sexta séries – eu gosto mais de trabalhar nessas séries – tem escola que o pessoal dá mais ênfase na História do Brasil, e sétima oitava História Geral. Eu já penso o contrário, eu gosto mais de trabalhar História Geral com a quinta e sexta e depois História do Brasil.. Na sexta série você já começa a falar de História do Brasil? Tem um motivo para isso: eu acho que você começa a trabalhar elementos da história com mitologia, você pode trabalhar com elementos sobre a construção da linguagem, a questão de formação de grupos, do homem... Você dá elementos para pensar o fazer da História, do saber histórico a partir da pré-história. Estou trabalhando agora na quinta série a relação entre cultura e natureza, eu acho isso interessante para você refletir. Não é que não seja importante você estudar História, lógico que é importante, a gente tem mais é que trabalhar a História do Brasil, mas eu gosto de trabalhar mitologia, Grécia Antiga, Egito... Trabalhar com alguns elementos, eu acho que é isso o que gosto de trabalhar, principalmente na quinta. Acho que você dá uma base para pensar a questão da temporalidade, trabalhar a noção de tempo com o aluno da quinta série. A mudança do tempo, o tempo psicológico, o tempo cronológico, o tempo da História... Esses elementos básicos da História que eu gosto de trabalhar com os alunos. Você começa a ver isso com esses povos, a cultura passada. Coisa que parece tão distante, mas na verdade não está distante. Trabalhar aquela história dos Assírios... Eu acho interessante uma abordagem dessa forma. Eu sigo praticamente o mesmo padrão ano a ano, o que pode mudar é o material. Você pode em determinada escola trabalhar com um determinado filme, você pode trabalhar com filme Eu por exemplo ainda não passei filme para eles aqui. Mas nessa época do ano passado eu já tinha passado, passei outros filmes, um que chama "O mistério do Egito", que é um documentário, com Omar Sherif que ele está conversando com uma sobrinha dele... Sobre a História do Egito, quando aquele arqueólogo, o Carter descobriu lá o túmulo do Tutancamon, se existia ou não maldição, essas coisas. E às vezes você trabalha mais com texto de livro mesmo, depende muito. Depende da situação.

Cotidiano nas escolas em que trabalhou

A primeira escola em que eu trabalhava... Embora eu não tenha trabalhado sistematicamente como professor – estava no penúltimo ano, final do semestre... Uma professora que tem na escola me chamou para lecionar em um supletivo. Eu nem conto isso, foi em 1988 e foi muito rápido. Eu conto mais 1991 como experiência como professor. Então, essa experiência de 91 foi na escola onde fiz o Ensino Médio. Tinha uma escola para escolher, e escolhi essa escola. E tinha um amigo que dava aula à muito mais tempo do que eu, falei onde eu ia dar aula, o cara chorou de rir. Sinceramente, o cara chorou de rir, não conseguia parar, ria e ria que era uma beleza: "você está ferrado, lá com aquela diretora" [risos]. Ai caramba, viu... Dito e feito Ele me encontrou no outro dia e riu mais ainda... Perguntou: "como você está?". Muito interessante, a mulher é uma figura... A mulher aposentou, e eu nem vou falar o nome dela. Ela controlava aquela escola como se fosse um quartel, colocavam os alunos no paredão. Usava os alunos com informantes Tinha um aluno informante dela, tinha um professor informante dela, pessoal da repressão né? Então ela sabia de tudo que acontecia na escola. E uma outra coisa que foi a gota d'água pra eu sair foi a paixão daquela mulher por gatos. Gostar de bicho tudo bem, eu tenho uma colega que gosta de gatos, mulher muito simpática. A diretora... Teve uma reunião uma vez, o pessoal sentado na cadeira... Ia ter, assim, aquele negócio de escola padrão. Já ouviu falar de escola padrão? Começou a escola padrão, o ano era 1992. Então houve a reunião e ela colocou o papel assim [posiciona uns papéis à frente do corpo, em cima da mesa], eu estava conversando com os professores... Aí um gato bem gordo sentou em cima da folha Todo mundo olhou para a cara um do outro [olha com cara de "riso contido", e demonstrando reprovação]. Depois a gente conversa sobre isso... Antes disso, uma gata sujou o diário de um professora... Aí a professora meteu o pau na gata, xingou e xingou a gata, e a mulher chegou no ato: "o gato é melhor do que qualquer ser humano" Essa foi minha experiência dessa escola... A relação professor - aluno nessa escola... Eu tinha um bom relacionamento com os alunos. Era triste, e tudo, mas eu tinha um bom relacionamento com essa escola. Eu fiquei só um ano, mas tive um bom relacionamento, por que eu vivo naquela região à muito tempo, e muitos dos meus alunos são filhos de colegas, que estudaram comigo, jogaram bola comigo... Aí eu mudei de escola, para outro bairro. Gostei muito dessa escola. Fiz muita amizade. A diretora era excelente Para mim né? Tem muita gente que não gosta dela, mas para mim ela era excelente. Aquela época a gente saía na sexta feira e ia para a pizzaria, todos os professores, a maior festa. Muito legal aquela escola... E as atividades que a gente fazia lá com os alunos, atividades muito interessantes. Bom, nessas escolas que eu conheci havia participação da família... Havia, mas nem sei. Mas acho que não mudou isso não, alguns pais participam outros não. Na escola que eu trabalho hoje, eu comecei esse ano, estou no quinto ano nessa escola, mas percebi algumas mudanças... Eu acho que há um desgaste na relação aluno / professor, acho que isso é uma coisa que a gente sente bastante... E, com o passar do tempo se agrava mais, né? Tenho percebido isso. Mas acho que a escola tem uma falha, a falha de qualquer escola que quer ter esse nome é não ter uma biblioteca, qualquer escola que não tem biblioteca... Tem um monte de livro que o governo doou e está lá no depósito. Então acho que é uma falha, eu conversei com o diretor nesse espaço de tempo, cinco anos e já é o quarto diretor dessa escola. E conversei com ele, ele falou que vai dar um jeito nessa situação, me pareceu um cara muito mais comprometido com essa questão da educação. Inclusive está fazendo Pós [Graduação] lá na PUC, voltou a estudar. Então, eu espero que ele consiga fazer isso.

Redes ou Regiões de ensino

Pra chegar à essa escola, pra vir trabalhar aqui foi uma luta. Eu passei no concurso em 2001, não passei muito distante, mas eu estava passando por uma situação muito difícil, saindo de uma escola que estava passando de certa forma uma experiência traumática. Eu tava dando aula no

“César”, e tive um desentendimento com alguns alunos. Eu acho que eu fui vítima até de racismo nessa escola, mas tive a chance de sair porque passei em um concurso. Quando eu saí estava tão desinteressado, tão desligado com as coisas... Tanto que essa falha que eu cometi com a minha filha, esse negócio do vestibular que eu não fiz a inscrição ontem, coisa chata pra caramba... Que as vezes você se desliga das coisas, você esquece fazendo muita coisa... Quando eu passei no concurso eu não entreguei os títulos para que eu pudesse escolher uma boa escola. Fiquei lá para traz na classificação. Na hora de escolher a escola eu tinha que pegar o que tinha, e tinha lá em Pirituba. Não... Qual o nome daquele lugar lá? Praticamente é o último bairro de São Paulo, lá na zona norte... Perus Primeira vez que eu fui na escola demorei uma hora e meia, quase duas horas. O pessoal falava que não escolhia escola que fosse longe de casa. Puxa vida, que folgado Veja bem, eu já trabalhei em várias empresas, e às vezes você tinha que entrar oito horas em uma empresa que é do outro lado de São Paulo, você sai as cinco horas da manhã de casa. Só por que o cara é professor ele quer dar aula perto da casa dele? Eu trabalhei na Fepasa muito tempo, e tinha um cara que eu conhecia, que passava no primeiro trem, o cara ia entrar oito horas lá do outro lado de São Paulo o cara tem que trabalhar. Ai eu fui lá nessa escola, lá em Perus. No meio do ano inauguraram o rodo Anel, aí eram 20 minutos. Então entrei na remoção, e fui dar aula em outra escola no outro ano, lá no Antônio Prudente. Eu fiz torneio de xadrez naquela escola, tenho boas lembranças dessa escola. Fiquei dois anos lá. Depois eu pedi remoção para outra escola, lá na Vila Sônia. Só que eu peguei 13 aulas, e quando eu fui completar a carga, a menina falou que eu podia pegar 20 em outra escola. Ai eu fui no Maria Lins, que é aqui perto, perto do posto policial. Nesse ano eu entrei na remoção e tinha essa vaga aqui. Ai eu me efetivei, como não era efetivo, agora estou tranqüilo. Porque é vinte minutos da minha casa, tranqüilo.

O professor de história hoje

Ser professor de História hoje no Butantã... Não consigo separar de ser em outro lugar. Vamos começar assim: o que é ser professor de História hoje? Ser professor de História é você desenvolver um trabalho que eu acredito que é cultural, um trabalho de formação cultural. Um trabalho que além de você trabalhar a questão de um conteúdo específico de história, levar o aluno à uma reflexão sobre a questão da história do homem com a natureza e entre si. E as implicações dessas relações, do homem com a sociedade e do homem com a natureza. Você levar o aluno a sempre fazer um paralelo do que ele está aprendendo, e sempre que possível com sua própria vida e na sua condição enquanto ser humano, enquanto pessoa que faz parte de nossa sociedade. A ótica aí está na questão da especificidade do bairro onde ele vive. Você pode até desenvolver um trabalho específico na área de História, uma pesquisa local, um trabalho que você faz sobre a questão do monumento... Na outra escola eu fiz isso. Você fazer um trabalho sobre a questão do monumento, referência. Aqui eu também comentei, eu fiz um pouco desse trabalho. A referência histórica da região. Por exemplo: a Raposo Tavares. Por que Raposo Tavares? Quem foi Raposo Tavares? Aqui eu trabalhei a questão do herói, a construção do herói, se ele é herói ou vilão... Enquanto o livro didático que a gente usa tem essa discussão sobre o Raposo Tavares. Aí a gente falou para alguns alunos fazerem pesquisa sobre a avenida, onde ela nasce. Porque é uma referência importante para eles aqui. Então você estabelecer essa idéia. Em uma outra eu fiz um trabalho sobre nome de rua. O cara fazer uma pesquisa sobre a história da rua dele, na Internet. Um trabalho de levar os alunos para a Internet, e tem um site que o cara coloca o nome da rua, tem rua que tem história, tem outros que não. Porque tem um site da prefeitura que tem. Como chama aquela rua, quem foi a pessoa, entendeu? Hoje o meu maior sonho é terminar o meu curso de pós-graduação, me tornar mestre em História. Eu não tenho uma pretensão imediata de dar aula em universidade, esse é o meu maior sonho mesmo. Meu maior sonho foi desenvolver um trabalho na parte de pesquisa, e produzir um livro didático. Vou fazer uma reunião de trabalhos e organizar a questão didática. Entendeu? Fazer um trabalho sobre o trabalho de desenho do meu pai. Fazer um trabalho sobre a história do meu pai, a questão da arte da minha tia... Esse é o meu sonho. Escrever um pouco, porque eu tenho alguma coisa e sempre começo e paro, então queria terminar isso. Meu sonho é terminar um trabalho que comecei sobre a minha avó, tudo. Mas... Acho que depois que eu terminar esse curso de pós vou ter mais tempo e gás para esse trabalho. Eu achei surpreendente dar esse depoimento pra vocês. A gente começa a falar muito, pra caramba... As vezes eu me acho... Não, eu sou um cara tímido. Sou uma pessoa tímida. Eu me surpreendi, até cantei, e nem sei cantar [risos]. Entendeu? Eu comecei a contar coisas assim que tem a ver comigo. Achei bom essa experiência. A gente meche um pouco os fantasmas da gente. Muito bom. Eu sei que gosto de conversar, mas às vezes eu acho que falo demais. Mas eu gostei de ter participado desse trabalho aí. E é uma das coisas que me surpreendeu foi ter reencontrado por acaso a professora Helenice. E cometi a falha de não reconhecer, sentei do lado dela, ela não falou nada. [risos]. Eu pensei que era mais uma professora da escola, ela ficou lá do meu lado assim... Eu passei, fui tomar café, ela estava aqui do outro lado da mesa, e falou assim: “preciso falar com você”. E teve uma reuniãozinha, tomei café tudo. Ela olhou bem para mim e: “você não lembra de mim não?” [risos] Aí eu falei: “puxa vida, professora” Ah, eu achei legal. Minha intenção nesse depoimento é realmente colaborar, porque a professora me ajudou bastante na questão pedagógica. Acho que é um presente do caramba, um bom presente. A gente enquanto professor, quando encontra um aluno, e o aluno fala assim: “pô, aprendi tal coisa com você”. Então o seguinte, eu acho que essa experiência é importante. A satisfação de encontrar um aluno que falou: “eu aprendi tal coisa com você”, por mais banal que seja, você vai ver, é uma coisa gratificante. Uma coisa que eu gosto pra caramba, ela sabe, é do Robson Crusóé. Adoro Robson Crusóé por causa de um professor, conversei com ele na USP nesses dias, o professor Penalves, que deu aula na PUC. Ele tinha uma fascinação por Robson Crusóé e eu não entendia aquilo. Quando eu li Robson Crusóé e comecei a analisar o contexto do livro com o contexto histórico, que a parábola da história do homem, já trabalhei isso em escola. Você encontra o cara depois de 10 anos, e fala: “lembra daquela história que você contou?” Caramba, viu “Ou aquele filme que você passou, que achei legal pra caramba...”. Então, são essas coisas que marcam... Melhor do que esse pessoal que te ajudou materialmente falando. Questão cultural. Eu acho que é uma coisa que não tem preço essa relação com a professora Helenice por isso, esse toque que ela deu. E outros professores que eu citei, até de história também... Teve muito professor bom de História também. Mas como aquela primeira experiência foi no ciclo básico, eu achei muito interessante. Então acho que é gratificante por isso.